

COMPORTAMENTOS ADOTADOS PELOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR FACE À COVID-19

HIGHER EDUCATION STUDENTS' BEHAVIORS TOWARDS COVID-19

Catarina Peranta¹, Manuela V. Silva^{1,6}, Artemisa D. Dores², Marina Almeida-Silva³, Marta V. Pinto^{4,5}, Graça Andrade³, Matilde A. Rodrigues^{1,2,7}

¹ Centro de Investigação em Saúde e Ambiente, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico do Porto, Porto, Portugal. mar@ess.ipp.pt; m.silva@eu.ipp.pt; catarinaperaltaa@gmail.com

² Centro de Investigação em Reabilitação, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico do Porto, Porto, Portugal. artemisa@ess.ipp.pt

³ H&TRC- Centro de Investigação em Saúde e Tecnologia, ESTeSL- Escola Superior de Tecnologia da Saúde, Instituto Politécnico de Lisboa. marina.silva@estesl.ipl.pt; mgandrade@estesl.ipl.pt

⁴ Instituto Politécnico de Coimbra, ESTESC-Coimbra Health School, Saúde Ambiental, Coimbra, Portugal. martavasconcelos@estescoimbra.pt

⁵ CISAS, Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal

⁶ EPIunit, Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, ISPUP, Portugal.

⁷ Algoritmi, Universidade do Minho, Guimarães, Portugal.

Abstract

Introduction: In response to the pandemic of COVID-19, higher education institutions have adopted a set of measures to ensure safe face-to-face teaching and control of potential outbreaks. However, the effectiveness of the measures implemented is dependent on student behaviors. Additionally, the way students behave outside the educational institution is also relevant to the control of the pandemic. **Objectives:** This study aimed to analyze the behaviors adopted by higher education students during the pandemic period in two higher education institutions. **Materials and methods:** 425 higher education students participated in this study. An online questionnaire was applied in two higher education institutions to characterize the behaviors adopted by students inside and outside the educational institution. **Results:** The behaviors reported as less frequent inside the higher education institution were disinfection of hands and equipment used and social distancing from colleagues. Regarding behaviors adopted outside the institution, it was found that students tended not to avoid socializing with colleagues and family members. **Application:** These results contribute to the knowledge about the students' behaviors towards the COVID-19 pandemic, contributing to more effective control programs and measures.

Keywords: Behaviors, Coronavirus, Students, Higher Education, Prevention

Introdução

A pandemia de COVID-19, nos últimos dois anos, tem afetado de forma dramática as sociedades e a economia. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), até 19 de julho de 2021, a nível mundial, foram confirmados 189 921 964 casos de COVID-19, incluindo 4 088 281 mortes. No mesmo período, em Portugal, foram confirmados 927 424, incluindo 17 199 mortes (OMS, 2021).

De modo a conter a disseminação da doença, o Governo Português, tal como outros países no mundo, decretou diversos períodos de confinamento, os quais acarretaram restrições nas atividades diárias da população (INSA, 2020). Adicionalmente, existiu a necessidade de implementação de medidas efetivas, nomeadamente, a desinfeção das mãos, o cumprimento da etiqueta respiratória, o isolamento profilático e o distanciamento social, de forma a minimizar o risco de transmissão do coronavírus (Imtiaz et al., 2021; INSA, 2020; Iorio et al., 2020). Estas restrições, aliadas ao medo e à incerteza de infectar ou ser infectado, influenciaram significativamente os estudantes do ensino superior (Iorio et al., 2020; Sultana et al., 2021).

Em março de 2020 o ensino presencial foi suspenso e foram privilegiadas as atividades à distância de forma desmaterializada e digital. O regresso do ensino presencial tem sido controverso, visto que influencia o futuro dos jovens e do país, mas também favorece a disseminação do vírus. De acordo com um estudo realizado em Itália, a abertura das escolas esteve relacionada com o aumento do número de casos de infeção da COVID-19 (Alfano et al., 2021).

Para controlo da disseminação do vírus e prevenção de potenciais surtos, as instituições de ensino implementaram um conjunto de medidas de controlo, como a redução do efetivo nas salas de aula, a disponibilização de gel desinfetante nas salas de aula e em espaços comuns, a disponibilização de produtos para a limpeza de superfícies, a definição de circuitos de circulação, entre outras. Contudo, o comportamento que os estudantes adotam tem um papel fulcral no controlo da infeção, quer no interior dos espaços de ensino, quer fora dos mesmos. O facto de os estudantes apresentarem uma taxa de infeção por assintomáticos mais elevada, havendo potencial de contaminação despercebido ao longo do tempo, torna-os menos conscientes da exposição ao risco, podendo ser uma das explicações para o aumento de casos (Almadhi et al., 2021; Becker et al., 2005; Bulut & Kato, 2020; Huang et al., 2020; Pérez-Gómez et al., 2021). Segundo Imtiaz et al. (2021), os estudantes têm uma maior tendência para negligenciarem comportamentos preventivos, sobretudo a colocação da máscara e o distanciamento social. Também Faase e Newby (2020), verificaram que os jovens com idades entre os 18 e os 29 anos apresentam um baixo envolvimento nos comportamentos preventivos.

Face ao exposto, este estudo pretende analisar os comportamentos adotados pelos estudantes do ensino superior durante o período pandémico, dentro e fora das duas instituições de ensino superior, no sentido de fornecer informação que ajude a compreender a disseminação da infeção COVID-19 na comunidade académica.

Materiais e Métodos

Desenho do estudo

Estudo observacional e transversal, que consistiu na aplicação de um questionário durante o mês de junho.

População em estudo

A amostra é constituída por estudantes do ensino superior que frequentam os cursos de Licenciatura e de Mestrado, em duas instituições do ensino superior. Participaram no estudo 425 estudantes, em que 86,4% (n = 367) eram do género feminino e 13,6% (n = 58) do género masculino. Tinham idades compreendidas entre os 18 e os 49 anos (M = 21,7, DP = 4,1), e 20,9% (n = 89) deslocados da sua residência de origem. Do total de inquiridos, 87,8% (n = 373) frequentavam um curso de licenciatura e 12,2% (n = 52) frequentavam um curso de mestrado.

Instrumentos

No sentido de analisar os comportamentos adotados face à COVID-19 entre os estudantes do ensino superior, foi elaborado um questionário pelos autores do estudo e aplicado à população em estudo. Apenas parte da informação recolhida foi utilizada neste trabalho, em particular os comportamentos adotados dentro e fora da instituição de Ensino.

O questionário incluí questões para caracterizar o respondente, nomeadamente a idade, o género, o grau correspondente ao curso que frequentava, o ano do curso, se o estudante estava deslocado(a) do agregado familiar, se já esteve ou estava diagnosticado(a) com a COVID-19, se alguém que conhecia já esteve ou estava diagnosticado(a) com a COVID-19, se alguém que conhecia esteve com sintomas graves ou outras complicações associadas à COVID-19, se fazia parte de algum grupo de risco, se já tinha sido vacinado(a) contra a COVID-19 e se coabitava com alguém que fosse de grupos de risco.

Foram também incluídas questões sobre os comportamentos adotados pelos estudantes relativamente à COVID-19. Para tal, foram valorizados os comportamentos praticados dentro e fora da instituição de ensino superior. Relativamente aos comportamentos adotados dentro da instituição de ensino superior, foram incluídos 9 itens (Alfa de Cronbach=0,70). Para cada item, o estudante devia indicar a frequência com que praticava o respetivo comportamento. Tendo como exemplo de um item, "Desinfeta as mãos sempre que entra na escola". Em relação aos comportamentos adotados fora da instituição de ensino superior, foram elaborados 10 itens (Alfa de Cronbach=0,70), para o estudante indicar a frequência com que praticava o respetivo comportamento. É exemplo de um item, "Usa sempre a máscara fora de casa". Todos os itens foram avaliados de acordo com uma escala do tipo Likert de 5 pontos, sendo que 1 = Nunca e 5 = Sempre.

O questionário foi distribuído em formato online por meio do Google forms, sendo a sua disseminação realizada via canais institucionais (email institucional e redes sociais das instituições de ensino). A participação foi voluntária

Tratamento de dados

Foi realizada uma análise descritiva das variáveis, tendo sido aplicadas medidas de tendência central e de dispersão, nomeadamente a média, o desvio padrão, mínimo e máximo, bem como determinada a frequência relativa.

Seguidamente foi utilizado o teste t-student para amostras independentes, estando inserido no grupo de testes de hipóteses para verificar as diferenças nos comportamentos adotados dentro e fora da instituição de ensino relativamente ao 1) género, grau de ensino, 2) se estava ou não deslocado do agregado familiar, 3) se esteve ou não infetado com COVID-19, 4) se conhecia alguém que esteve com sintomas graves, 5) se pertencia ou coabitava com alguém do grupo de risco e 6) se alguém que conhecia esteve ou está diagnosticado com COVID-19. Os resultados das variáveis categóricas foram tratados por forma a obter-se a média de cada grupo em estudo, por forma a ser possível transformá-las em variáveis contínuas e, conseqüentemente, aplicar o teste t-student.

O coeficiente correlação de Spearman, que está inserido na estatística não paramétrica, foi usado para analisar a relação entre os comportamentos adotados dentro e fora da instituição de ensino.

Os dados foram analisados através do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, IBM, NY, Estados Unidos versão 27), tendo sido usado como nível de significância $\alpha=0,05$.

Resultados

Variáveis relacionadas com a COVID-19

No início do estudo foram identificadas algumas variáveis que podiam ter influência nos comportamentos adotados pelos estudantes face à COVID-19, nomeadamente o facto de estarem ou já terem estado infetados com COVID-19, se conheciam alguém que já tenha estado infetado com COVID-19, se alguém que conheciam teve sintomas graves, se estavam vacinados, se pertenciam a algum grupo de risco ou se coabitavam com alguém pertencente a um grupo de risco. Os resultados obtidos encontram-se resumidos na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos participantes face à COVID-19 (n=425).

		Frequência absoluta (n_i)	Frequência relativa (%)
Esteve ou está infetado com COVID-19.	Sim	43	10,1
	Não	382	89,9
Conhece alguém que esteve ou está infetado.	Sim	386	90,8
	Não	39	9,2
Conhece alguém que esteve com sintomas graves.	Sim	152	35,8
	Não	273	64,2
Já foi vacinado.	Sim	21	4,9
	Não	404	95,1
Pertence a algum grupo de risco.	Sim	31	7,3
	Não	394	92,7
Coabita com alguém do grupo de risco	Sim	208	48,9
	Não	217	51,1

Os dados evidenciaram que a grande maioria dos inquiridos não foram até ao momento diagnosticados com COVID-19 (89,9%), não conheciam ninguém com sintomas graves (64,2%), não pertenciam a nenhum grupo de risco nem coabitam com alguém que pertencesse a esse grupo (92,7% e 51,1%, respetivamente) e ainda, não tinham sido vacinados contra a COVID-19 (95,1%). Contudo, cerca de 90,8% conhecia alguém que já esteve ou estava infetado com a COVID-19.

Comportamentos preventivos adotados dentro e fora da instituição de ensino superior

Nas Tabelas 2 e 3, encontram-se descritos os comportamentos adotados pelos estudantes dentro e fora da instituição de ensino, respetivamente. De acordo com os dados obtidos, os estudantes na generalidade, tendem a adotar comportamentos preventivos. Contudo, alguns parecem ser menos frequentes. No que se refere aos comportamentos preventivos menos frequentes dentro da instituição de ensino superior (Tabela 2), os dados destacam o distanciamento social (Nunca = 2,1%; Raramente = 9,2%; Às vezes = 30,6%), bem como a desinfecção das mãos na sala de aula (Nunca = 3,1%; Raramente = 6,4%; Às vezes = 16,0%) e a desinfecção dos equipamentos utilizados nas salas de aulas (Nunca =

8,5%; Raramente = 10,4%; Às vezes = 16,5%). Por outro lado, a grande maioria referiu utilizar máscara nos espaços exteriores da escola (Muitas vezes = 30,8%; Sempre = 53,6%) e nas salas de aula (Muitas vezes = 4,0%; Sempre = 95,3%), assim como utilizar sempre o seu material escolar (Muitas vezes = 12,0%; Sempre = 84,7%).

Tabela 2. Comportamentos dos estudantes dentro da instituição de ensino (n=425).

Comportamentos dentro da instituição de ensino	Nunca (%)	Raramente (%)	Às vezes (%)	Muitas vezes (%)	Sempre (%)
Desinfeta as mãos sempre que entra na escola.	0,7	0,9	5,9	21,2	71,3
Desinfeta as mãos sempre que entra na sala de aula.	3,1	6,4	16,0	25,4	49,2
Cumprir os circuitos obrigatórios.	0,9	4,2	15,8	34,4	44,7
Desinfeta a mesa e a cadeira onde se sentou.	8,5	10,4	16,5	21,9	42,8
Usa máscara dentro da escola e nas salas de aula.	0,2	0,2	0,2	4,0	95,3
Usa sempre máscara nos espaços exteriores da escola.	0,5	3,1	12,0	30,8	53,6
Mantém o distanciamento social dos colegas (ex. corredores, fumar, almoçar, etc.)	2,1	9,2	30,6	37,2	20,9
Evita o contacto com pessoas doentes.	0,7	0,9	4,2	13,4	80,7
Usa sempre o seu material escolar.	0,5	0,2	2,6	12,0	84,7

No que se refere aos comportamentos preventivos fora da instituição de ensino superior (Tabela 3), foram referidos como menos frequentes o distanciamento social (Nunca = 0,5%; Raramente = 2,1%; Às vezes = 14,6%), assim como a limitação de atividades no exterior (Nunca = 3,1%; Raramente = 6,8%; Às vezes = 19,8%) e a participação nas confraternizações com amigos e familiares (Nunca = 2,1%; Raramente = 6,4%; Às vezes = 27,1%). No entanto, a grande maioria refere não partilhar alimentos durante as refeições (Muitas vezes = 14,1%; Sempre = 76,5%), evitar festas (Muitas vezes = 17,6%; Sempre = 75,8%) e evitar o contacto com pessoas doentes (Muitas vezes = 10,1%; Sempre = 85,9%).

Tabela 3. Comportamentos dos estudantes fora da instituição de ensino (n=425).

Comportamentos fora da instituição de ensino	Nunca (%)	Raramente (%)	Às vezes (%)	Muitas vezes (%)	Sempre (%)
Lava e desinfeta as mãos frequentemente.	0,9	0,9	5,4	25,4	67,3
Usa sempre a máscara fora de casa.	0,5	1,9	7,8	20,2	69,6
Limita as atividades no exterior.	3,1	6,8	19,8	33,4	36,9
Evita grandes aglomerados de pessoas.	0,7	1,4	4,5	30,8	62,6
Evita participar em festas.	0,9	1,4	4,2	17,6	75,8
Evita participar em confraternizações com os amigos ou a família.	2,1	6,4	27,1	36,7	27,8
Mantém o distanciamento social.	0,5	2,1	14,6	44,2	38,6
Evita o contacto com pessoas doentes.	0,2	0,5	3,3	10,1	85,9
Evita estudar ou realizar trabalhos na casa dos colegas.	1,2	3,8	8,5	20,2	66,4
Quando realiza as suas refeições, não partilha alimentos ou bebidas com os seus colegas.	2,1	2,8	4,5	14,1	76,5

Foi verificada uma correlação significativa positiva entre os comportamentos adotados dentro e fora da instituição de ensino ($r=0,515$; $p<0,01$), mostrando que os estudantes que habitualmente adotam comportamentos preventivos dentro da instituição de ensino, tendem a fazê-lo fora também.

Foi analisado se os comportamentos diferiam em relação às variáveis, género, grau de ensino, se estava ou não deslocado do agregado familiar, se esteve ou não infetado com COVID-19, se conhecia alguém que esteve com sintomas graves, se pertencia ou coabitava com alguém do grupo de risco e se alguém que conhecia esteve ou está diagnosticado com COVID-19, tinham influência nos comportamentos. Verificaram-se diferenças significativas em relação ao género, sendo que os sujeitos do género feminino tendem a manifestar mais comportamentos seguros dentro da instituição de ensino ($t(423) = -2,29$; $p<0,05$). Também se verificaram diferenças significativas em relação ao facto de os estudantes conhecerem ou não indivíduos que tivessem sido diagnosticados com COVID-19, sendo aqueles que não conheciam os que tenderam a reportar comportamentos mais seguros ($t(423) = -3,33$; $p<0,05$). Também se verificou que estudantes que não foram diagnosticados com a COVID-19 tenderam a manifestar mais comportamentos seguros fora da instituição de ensino ($t(45,15) = -2,93$; $p<0,05$). Em relação às restantes variáveis não se verificaram diferenças significativas ($p>0,05$).

Discussão de resultados

Neste estudo foram descritos os comportamentos adotados pelos estudantes do ensino superior face à pandemia e verificou-se que os comportamentos menos adotados são o distanciamento social, a desinfeção das mãos e dos equipamentos utilizados nas salas de aulas. De acordo com a literatura, alguns destes comportamentos já eram expectáveis, nomeadamente o distanciamento social, uma vez que os estudos realizados por Chen et al. (2021) e Imtiaz et al. (2021) demonstraram este comportamento como um dos menos adotados pelos jovens. No entanto, não existiam estudos relativos aos estudantes portugueses. A dificuldade em manter o distanciamento social pode dever-se ao facto de os estudantes serem um grupo com uma elevada necessidade de socialização e por vezes negligenciarem as medidas impostas, como uma característica da idade e da sua irreverência.

Apesar de não existirem estudos que expliquem a falta de higienização das mãos e dos equipamentos utilizados pelos estudantes, a mesma pode ser associada à baixa perceção de risco por parte dos estudantes, à possibilidade de negligenciarem a relevância deste tipo medidas, ou à possível existência de curtos intervalos nas escolas. Contudo, nesta investigação um dos comportamentos mais adotados pelos estudantes foi a utilização de máscara e o facto de evitarem o contacto com pessoas doentes, o que não se verificou nos estudos anteriores (Chen et al., 2021) Este comportamento pode dever-se a um maior controlo por parte das autoridades em Portugal, incluindo as instituições de ensino, mas também ao facto da grande maioria dos estudantes ainda não ter sido infetado nem vacinado contra a COVID-19 até ao momento da recolha dos dados.

Verificou-se que os sujeitos do género feminino tenderam a manifestar comportamentos mais seguros. Este resultado é consistente com um estudo realizado em Hong Kong durante a pandemia de influenza A (H1N1), em 2009 (Mak & Lai, 2012). Adicionalmente, o presente estudo mostrou que os estudantes que ainda não foram diagnosticados com a COVID-19 ou que não conheciam pessoas que tenham estado infetadas com esta doença, tenderam a adotar comportamentos mais preventivos. Estes

resultados podem estar relacionados com o medo de serem infetados, ou de poderem ser um veículo de transmissão para familiares que poderiam à data ainda não estarem vacinados.

Conclusões

O estudo mostrou que vários estudantes apresentam dificuldades em garantir o distanciamento social, quer no interior, quer fora da instituição de ensino superior. Este comportamento é de particular preocupação, dado potenciar o risco de infeção. Adicionalmente, parece ainda existir alguma resistência por parte dos estudantes em relação à desinfeção regular das mãos e dos equipamentos utilizados nas salas de aula.

Este estudo contribuiu para uma melhor compreensão dos comportamentos dos estudantes do ensino superior face à pandemia. Estes resultados podem auxiliar na definição e implementação de medidas de controlo, assim como para o apoio de estudos futuros.

Apesar da relevância dos resultados obtidos, este estudo apresenta algumas limitações. É de destacar a amostra limitada a duas instituições de ensino superior, o que reduz a possibilidade de generalização dos resultados. Adicionalmente, deve-se notar a amostra reduzida, que se deveu à adesão ao estudo ter sido inferior ao expectável. Do mesmo modo, os comportamentos dos estudantes foram variando em função da evolução da pandemia e este estudo avalia os comportamentos num determinado espaço de tempo em que o mesmo foi aplicado uma só vez.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado em colaboração com o Projeto “Youth Breakdown in the post-COVID era and their Vaccination Intention” (IPL/2021/Vaccin2You(th)_ESTeSL), financiado pelo Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal. Matilde Rodrigues agradece à FCT/MCTES pelo financiamento nacional através de UIDB/00319/2020 e UIDB/05210/2020, Artemisa Dores através de UIDB/05210/2020 e os autores do H&TRC através de UIDB/05608/2020 e UIDP/05608/2020.

Referências

- Alfano, V., Ercolano, S. & Cicatiello, L. (2021, in press). School openings and the COVID-19 outbreak in Italy. A provincial-level analysis using the synthetic control method. *Health Policy*. doi:<https://doi.org/10.1016/j.healthpol.2021.06.010>
- Almadhi, M.A., Abdulrahman, A., Sharaf, S.A., AlSaad, D., Stevenson, N.J., Atkin, S.L., & AlQahtani, M.M. (2021). The high prevalence of asymptomatic SARS-CoV-2 infection reveals the silent spread of COVID-19. *International Journal of Infectious Diseases*, 105, 656-661. doi:<https://doi.org/10.1016/j.ijid.2021.02.100>
- Becker, G.N., Glass, K., Li, Zhengfeng, L. & Aldis, K.G. (2005). Controlling emerging infectious diseases like SARS. *Mathematical Biosciences*, 193(2), 205-221. doi:<https://doi.org/10.1016/j.mbs.2004.07.006>
- Bulut, C., & Kato, Y. (2020). Epidemiology of COVID-19. *Turkish journal of medical sciences*, 50(SI-1), 563-570. doi:[10.3906/sag-2004-172](https://doi.org/10.3906/sag-2004-172)

- Chen, Y., Feng, J., Chen, A., Lee, J.E. & Longtian, A. (2021). Risk perception of COVID-19: A comparative analysis of China and South Korea. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 61, 102373. doi:<https://doi.org/10.1016/j.ijdr.2021.102373>
- Huang, L., Zhang, X., Zhang, X., Wei, Z., Zhang, L., Xu, J., Liang, P., Xu, Y., Zhang, C. & Xu, A. (2020). Rapid asymptomatic transmission of COVID-19 during the incubation period demonstrating strong infectivity in a cluster of youngsters aged 16-23 years outside Wuhan and characteristics of young patients with COVID-19: A prospective contact-tracing study. *Journal of Infection*, 80(6), e1-e13. doi:[10.1016/j.jinf.2020.03.006](https://doi.org/10.1016/j.jinf.2020.03.006)
- Intiaz, A., Khan, M.A. & Khan, N.M. (2021, in press). COVID-19 in Bangladesh: measuring differences in individual precautionary behaviors among young adults. *Journal of Public Health*. doi:[10.1007/s10389-020-01453-2](https://doi.org/10.1007/s10389-020-01453-2)
- INSA (2020). O INSA e a resposta de emergência ao diagnóstico laboratorial da COVID-19 em Portugal. *Observações_ Boletim Epidemiológico*, 12, P.10.
- Iorio, J.C., Silva, A.V. & Fonseca, M.L. (2020). O impacto da Covid-19 nos e nas estudantes internacionais no ensino superior em Portugal: uma análise preliminar. *Revista Portuguesa de Geografia*, 55(115), 153-151. doi:[10.18055/Finis20285](https://doi.org/10.18055/Finis20285)
- Mak, K.-K., & Lai, C.-M. (2012). Knowledge, risk perceptions, and preventive precautions among Hong Kong students during the 2009 influenza A (H1N1) pandemic. *American Journal of Infection Control*, 40(3), 273-275. doi:<https://doi.org/10.1016/j.ajic.2011.10.023>
- OMS. (2021). WHO Coronavirus Disease (COVID-19). Dashboard Retrieved from <https://covid19.who.int/>
- Pérez-Gómez, B., Pastor-Barriuso, R., Pérez-Olmeda, M., Hernán, M. A., Oteo-Iglesias, J., de Larrea, N. F., . . . Pollán, M. (2021, in press). ENE-COVID nationwide serosurvey served to characterize asymptomatic infections and to develop a symptom-based risk score to predict COVID-19. *Journal of Clinical Epidemiology*. doi:<https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2021.06.005>
- Sultana, M.A., Khan, A.H., Hossain, S. & Hassan, M.T. (2021). Mental health difficulties in students with suspected COVID-19 symptoms and students without suspected COVID-19 symptoms: A cross-sectional comparative study during the COVID-19 pandemic. *Children and Youth Services Review*, 128, 106137. doi:<https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2021.106137>